

Família

Falemos de família. Da família não fazem parte o primo afastado ou as tias que só vemos no Natal. A família são aqueles de quem nos despedimos no prelúdio de cada manhã e para quem regressamos no final do dia. São os que estão sempre perto. Perigosamente perto. Estão lá dia sim, dia sim e nunca se vão embora. São uns chatos!

Talvez o sejam porque também nós somos chatos para eles. Parecem-nos tão cheinhos de defeitos porque os olhamos do interior da sua porção mais grotesca e repreensível. Da mesma forma, são eles os únicos dotados de coragem e insanidade suficientes para transpor a cerca que delimita o nosso pior. Mesmo não querendo, necessitamos de alguém a quem mostrar tudo o que tentamos abnegar que somos. E escolhemos para receber o que somos de mau as pessoas que mais bem nos querem.

É verdade, meus amigos! A espécie humana tem coisas que não lembra ao diabo! Se a alguns namoricos se aplica o provérbio “Quanto mais me bates, mais gosto de ti.”, na família impera a versão “Quanto mais gosto de ti, mais te bato.”. Possuímos a necessidade biológica de descarregar os sentimentos mais desagradáveis sobre os que mais amamos. Por vezes, tentamos até persuadirmo-nos de que foram eles que despoletaram os comportamentos odiáveis que demonstramos. Mas, no fundo, conhecemos bem a verdade por nós mesmos escondida. Não foi o quarto que a filha não arrumou, não foi o hábito irritante do marido nem o facto da mulher não ter prestado atenção ao que lhe foi dito,

não foi o recado de que ninguém se lembrou nem a loiça que ficou por lavar. Foi o chefe que menosprezou o nosso trabalho, o colega invejoso que nos ludibriou, foi a notícia de que alguém que amamos está em sofrimento, foi a frustração de termos perdido ou estragado algo que acarinhamos, foi o objetivo que, apesar do esforço, não conseguimos alcançar. Os sentimentos rudes, corrosivos e feios que daí advêm são empilhados dentro de nós através de um mecanismo de contenção, de controlo, que nos mantém íntegros e estáveis até ao momento em que retornamos ao que nos faz sentir seguros. Ao que tomamos como garantido. À família. Somente a ela confiamos a porção da nossa pele que não queremos que mais ninguém veja. É esse o alto nível de intimidade que caracteriza a família, para o bem e para o mal. Alguns amigos mais cúmplices podem encaminhar a relação de encontro a esse limiar, mas nem assim levam com a trampa toda. Esse “privilégio” é exclusivo da família. Com ninguém mais, para além dos nossos familiares, nos sentimos à vontade para ser tudo o que somos.

Talvez a família seja o nosso refúgio do que há de errado no mundo. No colo dos que dela fazem parte, pomos as respostas tortas, as palavras ásperas que proferimos com decibéis a mais, fruto das rasteiras que o dia nos pregou. Com desagrado e azedume, eles recebem os golpes e aceitam-nos, guardando-os para um dia ou uma hora depois os sacudir com bondade e paciência. A palavra desculpa é dispensada pois sabem que o arrependimento surge em nós de imediato e o perdão espera, sempre pronto e disponível, nos seus corações. Esta é a forma que temos de nos encostar a eles e dizer “atura-me” como quem diz “ama-me”.

Eles respondem aturando-nos incondicionalmente. Incansavelmente. Amando até os nossos defeitos, amando-nos até nos desvários. Acolhem o que somos de pior e constroem o que somos de melhor.

Há quem julgue que esta forma de (con)viver com a família, achando nela refúgio para libertar a ruindade e auxílio para sermos bons, é disfuncional. Quiçá sim, mas funciona perfeitamente. É uma confusão com um fio de sentido inabalável. E o que é o amor senão a mais inabalável das forças que nos confundem?

Ana Rita Moura da Silva, Do Corpo e da Alma